

Boa noite,

Ao cumprimentar a todos e todas nessa noite festiva, nesse espaço público e plural, o Salão de Atos da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, inicio por saudar a mesa, na pessoa da diretora da Faculdade de Ciências Econômicas, professora Dra Maria de Lurdes Furno. Faço também uma saudação aos colegas homenageados nesta noite do curso de Relações Internacionais, professor Henrique Castro e Marcos Cepik, aos técnico-administrativos, na figura da gerente administrativa da FCE, Francine Baldigen e do técnico homenageado José Carlos Correa. Também estendo a saudação ao distinto público, pais, mães, familiares, amigos, amigas, comunidade da FCE, que se fazem presente neste momento solene, de encerramento de uma importante etapa na vida desses jovens formandos em Relações Internacionais.

Gostaria de iniciar agradecendo com alegria a turma de formandos por terem me escolhido, entre tantos colegas professores e professoras competentes e qualificadas do curso, para ser paraninfo de vocês. É um grande elogio. Também é uma responsabilidade e uma tarefa. Responsabilidade pois a posição do orador, daquele que fala nunca é neutra, mas plena de pressupostos que conformam uma visão do mundo, uma *Weltanschauung*. Tarefa pois o convite que muito me honra também veio carregado de uma solicitação explícita para que eu falasse em meu discurso sobre os seguintes autores: Aristóteles, John Stuart Mill, Amartya Sen, Martha Nussbaum e Umberto Eco. Como o distinto público pode perceber, é preciso esforço intelectual para agradar esta turma. Pior, depois virar piadinha... pois, segundo me confessaram, eu sempre citava pelo menos um dos autores em nossas inúmeras conversas, seja em aula, seja no grupo de pesquisa, seja nas orientações de TCC. Sim, virei piadinha, mas também tenho agora a oportunidade de compartilhar com todos os presentes uma roda de conversa com esses clássicos do pensamento citados.

O público aqui presente também deve estar se perguntando, por que mesmo esses autores? Parecem distantes, à primeira vista, do curso de Relações Internacionais. Dou o contexto e explico. Com isso também começo o meu dever neste momento de tecer conselhos aos meus afilhados e afilhadas.

Nosso primeiro contato formal, meu e da turma que ora se forma, se deu durante o primeiro semestre do curso, na disciplina de História do Pensamento Econômico, obrigatória para os então calouros. Curiosos, atentos,

questionadores e, sobretudo, com uma imensa sensibilidade humanitária, preocupados com grandes questões contemporâneas como o são as migrações forçadas e o refúgio, a fome em países produtores de alimentos, os direitos políticos e civis das mulheres, o florescimento das faculdades superiores do espírito, a dignidade humana, os direitos mínimos que devem ser garantidos de forma universal, o exercício das liberdades substantivas e a desconfiança das liberdades meramente formais.

Belas palavras e belos sentimentos, apesar de belos, não bastam a quem quer defender uma causa, uma ideia, um TCC, uma política externa, uma visão de mundo. Palavras e sentimentos mobilizadores ganharam por meio dos semestres e mais semestres de estudos a forma de argumentos, não apenas logicamente concatenados, como atentos à retórica do discurso, isto é, com a sua ordenação formal, conteúdo e audiência. Por isso Aristóteles aparecia como uma figura constante em nossas conversas durante toda a graduação em Relações Internacionais, pois a boa argumentação é pré-condição para o diálogo, para a ciência, para as construções coletivas e, naturalmente, para a política. Como sabem, para Aristóteles, as artes e as ciências se subordinam umas às outras, e todas se subordinam à arte política, que nada mais é do que arte de viver em cidades. Para se viver em cidades e, mais modernamente, em países, é preciso estudar a arte do discurso e realizar a arte da diplomacia.

Queridos afilhados e afilhadas, também conversamos ao longo da graduação sobre John Stuart Mill, o liberal fofinho, e sua esposa militante, Harriet Taylor. Vimos a ideia de Mill de que o desenvolvimento da raça humana passa pelo florescimento das faculdades superiores do espírito, as artes, a filosofia, a lógica, a política. Levem consigo a metáfora arbórea trazida pelo sensível pensador inglês. Todos nós podemos e devemos, não apenas como estudantes ou professores, mas como diplomatas, políticos, funcionários públicos e privados - profissões para as quais haverá assento para vocês - buscar o desenvolvimento pessoal, dos talentos, das curiosidades, das vocações. Numa palavra, busquem o florescimento, levem a sério os seus dons e talentos. Claro, trabalhem, busquem trabalho. Mas esta é apenas uma das dimensões da vida. Dedicuem-se às artes, valorizem quem as produz; dediquem-se à reflexão desinteressada nesses tempos frenéticos de zapzap; cultivem seus lazeres e façam exercícios com regularidade; sejam amigos da boa lógica! Com Mill vimos que é possível unir a lógica científica mais estrita, com uma defesa apaixonada dos direitos das mulheres e dos trabalhadores, com uma economia política engajada no sentido de melhorar a vida em sociedade, com música, poesia, literatura, artes, filosofia e política. Uma vida plena é uma vida que vale a pena ser vivida. Escutem o liberal fofinho!

Uma vida em várias dimensões é uma vida multidimensional. Não basta ter renda se não se tem saúde. Não basta ter saúde e renda se não se tem educação. Há uma irreduzibilidade entre essas e outras dimensões em nossas vidas. De nada adianta ter renda, saúde e educação se não temos segurança pública ou sentimento de pertencimento a uma coletividade. Uma vida plena é uma vida que se realiza em múltiplas e irreduzíveis dimensões. Amartya Sen, o filósofo e economista indiano que lemos e comentamos no GRIGs (carinhoso acrônimo do grupo de pesquisa) ao longo de um ano de pandemia nos ensina não apenas que a vida humana e as políticas públicas são multidimensionais. Ele também nos ensina a diferenciar com cautela as liberdades formais das liberdades substantivas. De nada adianta leis e garantias se elas não se transformam em procedimentos, funcionamentos, capacidades e realizações. Uma vida que vale a pena ser vivida é uma vida de liberdade em que fazemos as escolhas que realmente consideramos importantes para nossa existência. Como internacionalistas, alçados muito provavelmente aos cargos da administração pública e privada, queridos formandos, não se esqueçam que as liberdades não existem no abstrato, elas incluem, por exemplo, capacidades elementares como estar livre da fome crônica, da subnutrição, da morbidez evitável e da morte prematura. De Amartya Sen levem o ensinamento de que o desenvolvimento humano deve ser visto como o processo de expansão das liberdades reais que as pessoas desfrutam. Este processo é individual e coletivo, no qual cabe a cada um seu quinhão de responsabilidade e atenção.

Da filósofa Martha Nussbaum aprendemos que uma teoria de justiça social intra e entre nações deve necessariamente levar em consideração noções morais como a dignidade humana. O racismo, o colonialismo e a negação de culturas devem ser repudiados com veemência nas relações internacionais. O enfoque apresentado por Martha Nussbaum concentra-se em fornecer explicações acerca das garantias que devem ser respeitadas e implementadas por governos comprometidos com o respeito à dignidade dos seres humanos. Nussbaum apresenta uma lista de 10 capacidades centrais, inerentes ao desenvolvimento harmonioso da pessoa humana, e argumenta que todas elas devem ser garantidas sem exceção e sem impedimentos, independente de raça, classe, nacionalidade, gênero ou qualquer outra distinção. A lista de capacidades criada pela filósofa baseia-se nos princípios de respeito mútuo, reciprocidade e autorrespeito. Todas as pessoas teriam direito aos seguintes itens da lista: (1) vida, (2) saúde física, (3) integridade física, (4) sensações, imaginação e pensamento, (5) emoções, (6), razão prática, (7) afiliação, (8) relação com seres de outras espécies, (9) lazer) e (10) controle sobre o ambiente político e material. Essa lista inclui funcionamentos tais como a liberdade de viver uma vida de duração normal, de ter uma boa saúde e

alimentação adequada, de ser protegido contra a violência, de ter liberdade de expressão, de não ser acometido por doenças evitáveis ou morrer prematuramente, de usufruir da liberdade sexual, de ter o direito à participação política, entre outros. Cumpre destacar que o processo de implementação de uma "vida com dignidade" conforme Nussbaum é contínuo e interdependente. Este processo não começou quando vocês iniciaram o curso ou durante esta cerimônia de colação de grau. É um processo de uma vida - forçosamente em comunidade - que se recoloca em cada quadra histórica, em cada etapa da vida de vocês, meus queridos afilhados.

Com os conselhos de Umberto Eco, chegamos ao TCC e ao final do curso. Tensões, correrias, atos de desespero, páginas em branco em frente à tela, cronograma se encerrando e um capítulo inteiro a ser escrito de um trabalho ainda por fazer. Embora o livro *Como se faz uma tese* esteja superado em vários aspectos e que seus conselhos sobre fichas em papelão sejam apenas uma curiosidade histórica, a filosofia e a visão do texto que estão subjacentes ainda pulsam nos trabalhos de conclusão de curso de relações internacionais. Convido a distinta platéia a percorrer os títulos dos TCCs, que são públicos, e estão no LUME, o repositório virtual da universidade. Os trabalhos lá publicados são testemunhas das inquietações e insatisfações transformadas em objetos de pesquisa. O cuidado com o contexto, os mundos possíveis das narrativas, a imbricação entre a arte e a ciência são orientações do filósofo italiano que fogem aos rígidos padrões das normas da ABNT e que inspiraram muitos de vocês, afilhados e afilhadas, a escreverem belos trabalhos de conclusão. Não apenas para cumprir as formalidades da burocracia acadêmica, como também para fazer avançar o conhecimento e o melhor entendimento das relações internacionais em sua transversalidade de temas, contribuindo desde a graduação para a consolidação e avanço das fronteiras do conhecimento, do avanço em direção ao não sabido em temas tão ricos e diversos em suas interfaces com as relações internacionais como segurança alimentar e nutricional, o papel do SUS no atendimento de imigrantes e refugiados, os sistemas alimentares e a evolução de sua negociação na FAO, as diversas dimensões possíveis na comparação entre países do Sul Global, a governança dos oceanos, o caso dos países insulares que estão afundando por conta do aquecimento global, entre tantos outros temas atuais, relevantes e interessantes estudados com afincamento e angústia durante toda a graduação e nos meses intensos que antecederam a entrega do TCC.

Afilhados e afilhadas, o discurso já se faz longo e é hora de terminá-lo. Mas antes de me despedir, gostaria de fazer uma síntese dessa roda de conversa com os clássicos convidados a estar entre nós nesta solenidade

festiva. Ao saírem daqui com o grau de bacharel e de bacharela em Relações Internacionais busquem um emprego ou uma bolsa. Mas não se esqueçam dos clássicos. Não parem de estudar e de se cultivar. Saibam que a lógica, o amor e a curiosidade são armas poderosas e efetivas contra o fascismo e o discurso de ódio. Cultivem suas faculdades superiores, estejam abertos e busquem as artes, a filosofia e a política também como parte da essência do internacionalista. Da distinta platéia me despeço enfatizando o papel que a universidade pública tem e terá na formação de nossos jovens. A universidade pública não é gratuita. Ela custa esforço, dedicação e dinheiro do orçamento e deve ser sempre apontada como um lugar onde o dinheiro público é bem gasto. A turma que agora se forma é agente da esperança por uma sociedade mais igualitária, justa e solidária: sua trajetória e preocupações intelectuais, como procurei demonstrar, são testemunhas de que a sociedade receberá da Universidade Federal do Rio Sul bacharéis e bacharelas à altura dos desafios deste grande país que é o Brasil.